



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

LANÇAMENTO DO PROGRAMA DE EXPANSÃO E MELHORIA DO ENSINO TÉCNICO

Palácio do Planalto
4 de julho

«A demanda por trabalhadores qualificados e especializados constitui requisito indispensável à expansão e modernização das atividades industriais, agropecuárias, e de serviços».

Em fevereiro, ao dirigir-me ao novo Ministério, eu havia recomendado que elegêssemos, como meta, a implantação de duzentas escolas técnicas no Brasil. Hoje estamos dando passo importante para a consecução dessa meta, com o lançamento do programa de melhoria e expansão do ensino técnico, que abrangerá, em sua primeira fase, cerca de cem escolas em todo o País.

Devo salientar que a preocupação do Governo não é apenas expandir a rede física de escolas técnicas, ainda que esta seja uma meta importante. Mas é também assegurar a adequada manutenção das escolas existentes — porquanto o realismo será sempre a pedra de toque de qualquer programa governamental — como é, sobretudo, propiciar o ensino técnico de boa qualidade, aquele que não se restringe a orientar o manuseio das máquinas, mas, ao contrário, numa perspectiva humanista, procure transmitir a visão abrangente do mundo técnico-científico e dos valores permanentes do homem.

Só um ensino com essas características pode desempenhar o papel fundamental, que lhe cabe na formação integral dos que desejam ingressar, como profissionais conscientes, em um mercado de trabalho cada vez mais exigente em termos de qualificação.

O Plano Cruzado gerou novas demandas por emprego. Essa demanda por trabalhadores qualificados e especializados constitui requisito indispensável à expansão e modernização das atividades industriais, agropecuárias e de serviços; converge, por outro lado, com os reclamos da população jovem por ensino técnico, que amplie suas perspectivas de emprego e, portanto, de participação social.

Neste instante, o Governo responde prontamente a essa dupla exigência, no contexto da adoção de uma nova diretriz e significado para a política nacional de ensino técnico.

O ensino técnico já não pode mais ser encarado como «prêmio de consolação», para quem não pôde ascender a níveis acadêmicos de educação. O Governo está decidido a restabelecer a indispensável e produtiva convivência entre o ensino técnico e a educação de caráter generalista depurada de falsas conotações profissionalizantes. Essa determinação é tanto mais razoável, quanto se sabe que as escolas técnicas industriais e agrícolas preservaram sua importância no campo educacional, em meio a um processo de inequívoco aviltamento da qualidade de ensino.

É também indispensável que a concepção do ensino técnico acompanhe a nova perspectiva do Governo para a educação brasileira como um todo. A formação em nível técnico há de conter elementos com os quais o estudante possa exercer o seu papel de cidadão. A ele terão de oferecer-se oportunidades de ensino qualificado, visando-se a algo mais do que a relação com o mercado de trabalho. Há que se proporcionar ao jovem técnico conhecimentos, pelos quais possa intervir conscientemente na geração de novas tecnologias e no próprio processo de desenvolvimento. Conhecimentos que lhe permitam inclusive extrapolar a simples função de agente do processo econômico.

As escolas técnicas devem dar uma resposta pronta ao processo de industrialização e concorrer para a formação

de profissionais qualificados para o campo à luz da política de modernização e justiça social, que o Governo está adotando para o setor agrícola, na qual sobressaem a implantação da reforma agrária e a execução do Programa Nacional de Irrigação.

As escolas técnicas não apenas devem ajustar-se às especificidades de cada região, mas devem também servir de instrumento para promover o próprio desenvolvimento regional.

Elas devem igualmente constituir espaço de criatividade, não se limitando a simplesmente reproduzir tecnologias às vezes inadequadas a nossas circunstâncias e realidades. Elas devem formar cidadãos empreendedores.

O Brasil rural requer cidadãos capazes de aproveitar as práticas populares e de criar alternativas tecnológicas para a agricultura. O campo não pode ser um eterno consumidor de pacotes técnicos produzidos à distância. Precisa de quem promova a adequação das técnicas disponíveis às realidades locais. Ao atribuímos uma atenção especial às escolas agrotécnicas, levaremos em conta essa necessidade.

Também na área industrial, a missão da escola técnica será contribuir para o aprimoramento dos processos tecnológicos e para a valorização e dignificação do trabalho. Os operários não são, nem devem ser máquinas. A escola técnica deve fornecer os instrumentos para que o futuro trabalhador tenha o domínio efetivo da técnica, isto é, o conhecimento das razões por que algo funciona e não apenas de como funciona; como quase tudo que existe pode ser melhorado, é conveniente que se estimule desde cedo a sua criatividade. Estarão, assim, dadas as condições, não para uma mera reprodução, mas para inovações.

A reformulação da educação técnica deve ousar, não se limitando às clássicas possibilidades do ensino industrial e agrícola. Deve alcançar a dimensão da contemporaneidade, ao propiciar uma oferta de ensino relacionada com os serviços modernos, a exemplo da informática; ao atingir áreas de conhecimento de ponta, como a biotecnologia, e ao compreender também áreas culturais, de que é exemplo

um dos projetos apoiados pelo programa que hoje lançamos, o da formação de técnicos de teatro.

A construção da Nova República passa pelo ingresso de milhões de brasileiros no sistema produtivo. Não como simples mão-de-obra, mas como profissionais e cidadãos capazes e desejosos de participar do esforço de desenvolvimento do País.

As rápidas e contínuas transformações, por que passa o Brasil, requerem uma educação qualificada, moderna e universal. Educação voltada para o homem. Nessa perspectiva, o ensino técnico assume um compromisso com as bases permanentes do conhecimento humano.

O desafio do século consiste justamente nessa educação do homem, através de práticas adequadas às exigências das sociedades industriais e pós-industriais. O Brasil adere, de corpo e alma, à modernização. No campo do ensino técnico, essa é uma opção decisiva, que se tornará mais conseqüente à medida que formos capazes de explorar racionalmente nossas potencialidades econômicas em benefício do nosso próprio povo.

O ensino técnico é fator de primeira grandeza para o desenvolvimento nacional. De ensino, por vezes compreendido equivocadamente como de valorização social menos expressiva, deverá passar à condição de instrumento fundamental à melhoria da produtividade nacional, à formação de cidadãos co-responsáveis pelos enormes desafios da era tecnológica em que vivemos e à promoção de uma vida mais digna para os brasileiros.

Necessitamos de formar técnicos que, como tal, sejam competentes e criativos, e que, como cidadãos, trabalhem com a consciência do seu papel nesta etapa transformadora da vida brasileira.